

A fotografia contemporânea na Paraíba: o caso da exposição Poéticas Artísticas do IFPB realizada no NAC¹

Karla Rossana Francelino Ribeiro Noronha²
Hélder Paulo Cordeiro da Nóbrega³
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO:

O presente artigo trata de duas experiências, distintas entre si, com fotografia contemporânea, realizadas pelos autores desse texto, nas quais a importância histórica e cultural do local expositivo influenciou diretamente na elaboração dos seus respectivos processos de criação. No ano de 2018, na exposição fotográfica coletiva intitulada Poéticas Artísticas, expusemos duas séries fotográficas de nossas autorias no Núcleo de Arte Contemporânea – NAC, situado na capital paraibana. Por meio de uma perspectiva construcionista que envolve um estudo de caso apresentamos os processos criativos da série *Infinito Particular* de autorretratos criada por Karla Noronha primeira autora deste texto, e a série *Fome* de Hélder Nóbrega, segundo autor desse escrito, que traz em sua composição o liame entre a fotografia e a instalação. Compreendemos o contemporâneo assim como Giorgio Agamben (2009) o define, não apenas pelo âmbito cronológico, mas na posição que tomamos, enquanto artistas, quando enxergamos, por entre as luzes, às sombras provindas do nosso próprio tempo.

PALAVRAS-CHAVES: fotografia contemporânea; Núcleo de Arte Contemporânea - NAC; processo criativo.

POÉTICAS ARTÍSTICAS

Somos alunos do curso de extensão em Fotografia artística do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. Em decorrência da culminância de seu segundo módulo foi realizada uma ação, que constava numa exposição coletiva intitulada Poéticas Artísticas, apresentada no Festival de Arte do IFPB realizado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) tendo como local exibidor o Núcleo de Arte Contemporânea – NAC, situado na cidade de João Pessoa.

Sendo assim, a escolha de nossas obras a participarem dessa amostragem foi diretamente influenciado pelo caráter histórico e cultural do NAC, que envolve o seu pioneirismo em pesquisa e extensão na área da arte contemporânea no âmbito das instituições de ensino público superior de nosso país. Dessa forma, levamos em

¹ Trabalho apresentado no GT 2 “Fotografia contemporânea”.

² Mestra no programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, e-mail: noronhkr18@gmail.com

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPB, e-mail: heldercinema@gmail.com

consideração, sobretudo, as nossas pesquisas feitas em fotografia ao longo do curso de extensão do IFPB, bem como a forma em que nossas obras seriam apresentadas no local susodito.

Dado vista, a importância do núcleo para o desenvolvimento da arte contemporânea da Paraíba observamos a necessidade de fazermos, em nossos trabalhos, uma seleção do que consideramos como mais relevantes, dentro de nossas poéticas atuais, compreendida por nós como um eterno desenvolver-se “um objeto que vai adquirindo caráter estético por seu criador. Pode-se pensar, nessa perspectiva, numa “estética de criação”, em perpétuo devir” (SALLES, 2008, p.121).

Ressaltamos que tal exposição foi realizada em caráter coletivo, tendo como curadora a professora Ma. Idália Lins e a participação de outros alunos integrantes da turma do referido curso. Elencamos os componentes seguindo a ordem alfabética, Adriel Trajano, Bruna Dias, Elizabeth Pontes, Geysse Reis, Gizelda Lyra, Hélder Nóbrega, Humberto Bisneto, Idália Lins, Jerusa Souza, Josilene Bido, Karla Noronha, Maura Fernandes, Ovídio Lima, Rejane Bernardo, Rogério Freitas Lira, Rose Félix, Thaynara Clementino, Vicente Bernardo, Wallison Medeiros, Widelene Cardoso. Todavia para as necessidades a que se delimita esse estudo utilizaremos como recorte as séries realizadas pela primeira autora e o segundo autor deste escrito.

O NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

O Núcleo de Arte Contemporânea - NAC, foi fundado em 1978 na Paraíba, segundo Córdula (2004), o órgão ligado à Universidade Federal da Paraíba - UFPB foi implementado em decorrência de um seminário promovido pela UFPB no Museu de Arte Assis Chateaubriand em Campina Grande, ocasião em que “foi lançada a proposta de criação de um núcleo de artes plásticas, o Núcleo de Arte Contemporânea”. (CÓRDULA, 2004, p.13).

O NAC partia da ideia de ser um núcleo de pesquisa e extensão em artes no estado da Paraíba. Inicialmente ligado ao Departamento de Artes da UFPB, na época denominado como Artes e Comunicação, que pertencia ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA. O NAC, em seu período inicial, era constituído por uma equipe interdisciplinar e, segundo Córdula (2004), objetivava propiciar o conhecimento, práticas e ações artísticas que envolvessem o público irrestrito, para além dos habituais frequentadores de galerias, compradores e colecionadores de arte. O

núcleo buscara um público definido por esse autor como “o público da arte mesmo, do fenômeno artístico como signo de conhecimento, objeto de fruição e fato cultural”. (CÓRDULA, 2004, p.15).

Enquanto alunos de fotografia artística de uma instituição federal dentro de um projeto extensionista, na área da arte contemporânea, temos um dever enquanto pesquisadores de voltarmos o nosso olhar para o NAC fazendo-se perceber sua importância como percussor de um modelo de núcleo de extensão, pesquisa e ensino em arte contemporânea no âmbito das universidades brasileiras como afirma Córdula (2004) um paradigma que “continua vivo e serve até hoje como referência de ação cultural pioneira e avançada”. (CÓRDULA, 2004, p.18).

Desde a sua criação, o Núcleo de Arte Contemporânea contou com importantes participações de vários artistas, basta citar o exemplo da prestigiosa contribuição de Antonio Dias em sua fundação. Com relação a especificidade da fotografia, Gomes (2004) assegura excelentes momentos de exposições fotográficas no NAC, encabeçada por nomes como Antonio Gualberto Filho, Manuel Clemente, Miguel Rio Branco e Roberto Soares Guedes. Segundo Pontual (2004) em artigo assinado no ano de 1980 “o Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba tem todo um programa de apoio à fotografia, desde o estágio de produção em laboratório até a apresentação final ao público”. (PONTUAL, 2004, p. 95).

Desta forma, como artistas, podemos afirmar que o fato de expormos nossas séries de poéticas artísticas, em fotografias, no NAC, foi uma das maiores experiências de nossas vidas. Uma vez que cientes dos contextos anteriores, e conscientes de nossos papéis no tempo contemporâneo, trouxemos para o nosso processo de criação tais referências no que diz respeito a uma tradição que se renova na arte da Paraíba, solo do qual somos parte por estarmos nele inseridos.

Quando se fala em solo pensa-se no contexto, em sentido bastante amplo, no qual o artista está imerso: momento histórico, social, cultural e científico. O artista não é, sob esse ponto de vista, um ser isolado, mas alguém inserido e afetado pelo seu tempo e seus contemporâneos. (SALLES, 2007, p.37-38).

A vista disso, corroborando com nosso pensamento, continuamos com Salles (2007), devido a importante contribuição da estudiosa acerca de processos criativos em nosso país, ao afirmar que “não há criação sem tradição: uma obra não pode viver nos

séculos futuros se não se nutriu dos séculos passados. Nenhum artista, de nenhuma arte, tem seu significado completo sozinho”. (SALLES, 2007, p.43).

MAS AFINAL, QUE É O CONTEMPORÂNEO?

De início é importante saber que século, como todos nós entendemos, se refere a uma sequência temporal definida por 100 anos. A palavra século é originária do latim *saeculum* que significa tempo de vida, um tempo de vida mais individualizado, o período centenário, inicialmente identificado, refere-se a um “tempo histórico coletivo”. (AGAMBEN, 2009, p.60).

Nessas demarcações temporais, que variam entre tempos de vida coletivos, encontram-se também ocorrências de natureza conjunta, por exemplo, uma determinada escola ou vanguarda artística é demarcada pelo tempo de vida de seu aspecto grupal e não apenas no tempo de vida cronológico individual de um de seus representantes. De forma que “o compromisso com a contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma”. (AGAMBEN, 2009, p.65).

O ser contemporâneo está inegavelmente influenciado por todas as luzes que vêm do passado. As ações e experiências dos nossos antecessores, trazem uma certa dose de luz a um presente que precisa ser decifrado, simplesmente por não ter ainda cessado, ou seja, não ter sido vivido em sua plenitude finalizada. Diferente de tudo o que ocorrera no passado pois como já teve um fim, seu desfecho fora revelado.

O presente não teve um fim, é um devir vivo e pulsante chacoalhado há todo instante por suas incertezas. Estar atento à essas trevas da incerteza é uma atitude de coragem, porquanto assume-se a impossibilidade de se atingir as luzes, que querem, mas não podem vir ao nosso encontro, em razão de que nesse caso, ser iluminado equivaleria a ter vivido tudo aquilo que ainda estar por vir. “Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo”. (AGAMBEN, 2009, p.65).

Geralmente, tarefa atribuída aos filósofos, cientistas e artistas, iluminar o tempo, para então controlar o tempo, é um dos anseios humanos mais antigos. Segundo Zamboni (2006) “a própria fotografia, que evolucionou a arte do século passado, foi criada com o objetivo de registrar imagens e dar vazão ao antigo desejo humano de perpetuar aparências e momentos”. (ZAMBONI, 2006, p.47).

Podemos dizer que esses desejos por descobertas, a necessidade de solucionar o desconhecido é o que move o homem em busca de novas luzes. Por meio das criativas elucubrações é que tanto cientistas quanto artistas e filósofos encontram suas respostas. “Enquanto descoberta, enquanto solução não se pode fazer nenhuma distinção fundamental entre criação artística e científica”. (ZAMBONI, 2006, p.35).

Seja no domínio da ciência ou no âmbito da arte, a busca por soluções, inerentes as suas respectivas áreas, envolvem processos variados que têm algo em comum, os seus aspectos criativos. “De uma forma ou de outra, a criatividade está intimamente ligada à sensação de descoberta. É algo novo, é um caminho encontrado para solucionar alguma coisa, e só depois de encontrado se percebe esse caminho”. (ZAMBONI, 2006, p.35).

A criação é um ato tradutório que busca organizar, selecionar, ordenar tudo o que parecia anteriormente incompreensível. Para isso se faz necessário ir em busca do que ainda não fora iluminado a luz das diversas teorias, técnicas e conceitos. Em qualquer tempo histórico, houve buscas por incertezas inerentes as suas épocas, da mesma maneira que ocorre no nosso tempo presente. Assim como Agamben (2009), compreendemos que “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. (AGAMBEN, 2009, p.62).

INFINITO PARTICULAR

Desde as décadas de 60 e 70 a fotografia vem sendo utilizada com estratégia e ferramenta no processo criativo de produção de imagens tanto de forma pensada quanto em experiências sem interferência direta do artista. Cotton (1993) afirma que o processo artístico da fotografia contemporânea começa com uma ideia criativa que se desdobra em um planejamento técnico gerando uma criação artística ou um ato artístico que “consiste em direcionar para a câmera um evento especialmente para a câmera” (COTTON, 1993, p. 21).

[...] a fotografia se tornou um veículo central na disseminação e na comunicação de maior amplitude das apresentações artísticas, assim como de outros trabalhos de arte temporária. No âmbito da prática da arte conceitual, as motivações e os estilos dessa fotografia nitidamente diferentes dos modos já consagrados pela refinada fotografia de arte [...] (COTTON, 1993, p. 21).

A necessidade de elaboração de uma série de autorretratos surgiu a partir do estudo do fazer artístico na fotografia bem como as intervenções que podemos fazer nas fotografias para que o trabalho autoral adquira identidade e status de arte.

O olhar de dentro surge pela prática cumulada ao longo do tempo; e o olhar de fora, pelo questionamento direcionado às motivações e aos sentimentos que tanto provocam ou foram provocados pelos incontáveis atos fotográficos construídos. [...] o objeto de estudo ganha uma dimensão mais complexa quando duas formas de abordagem, interna e externa, surgem simultaneamente (SILVA, 2016, p. 24).

A série de autorretratos é um relato pessoal de sentimentos pessoais, é uma representação da minha evolução e reconstrução enquanto mulher e ser humano com fotografias coloridas, forte contraste entre luz e sombra para descrever a percepção e mudança do EU através de um processo de autoconhecimento estimulado e provocado pela arte e fotografia.



Figura 1: Seja sua melhor companhia. Múltipla exposição feita com três fotos.

Fonte: Karla Noronha



Figura 2: Eu interior. Manipulação digital.

Fonte: Karla Noronha

A fotografia enquanto arte contemporânea nos permite ultrapassar o limite entre o fotógrafo e o fotografado. Dessa forma, o fotógrafo artista pode se fotografar e apresentar de forma conceitual sua relação e seus questionamentos sobre o mundo através da construção de imagens subjetivas tendo como base um processo criativo experimental que faz uma releitura de composição, luz, sombra e acessórios produzidos de forma manual para enfatizar o caráter subjetivo do ensaio e contextualizar a fotografia no campo da arte.

A pós-produção (edição/tratamento) são importantes para concretizar o processo criativo da fotografia. A escolha por cores mais sombrias, uso do grão do filme analógico e o aspecto fosco adicionados as imagens concretizam a ideia inicial do

ensaio que é retratar uma fase de vida com muitas dificuldades pessoais. Nesta primeira fase o ensaio está composto por três imagens variando entre enquadramentos fechados e abertos evidenciando o corpo, mãos e costas com iluminação bem contrastada e direcionada nos pontos que se quer dar mais ênfase.

FOME

Vivemos um momento delicado e violento, dicotômico em suas significações, devido ao excesso de esforços em negar os mais variados fatos óbvios e corriqueiros. Tempos privados da verdade. Uma era, na qual quase tudo se readjetiva com a preposição pós, o humano vive uma realidade faminta por novos factoides. Tempo em que se nega a devida atenção ao meio ambiente, tempos em que a educação se tornou inimiga do povo. Tempos que de tão esfomeados afirmam a inexistência da sua própria miséria, e dessa forma demonstram sintomas graves de vertigem crônicas, causadas pela fome gananciosa de poder. Tempos de fome.

Nem só de pão vive o homem relata os escritos de um livro do qual os poderosos dizem seguir à risca. Mas, e você? Pessoa comum, assim como nós, você tem fome de quê? A mesma questão surgia na letra da música *Comida* do grupo de rock chamado *Titãs*, datada da penúltima década do século passado, no ano de 1987 para ser mais exato. Mas o que seria o passado e o presente diante de tantas incertezas de futuro na contemporaneidade?

São questões como essas que fizeram surgir a série fotográfica *Fome* de autoria de Hélder Nóbrega. Campos (2011) nos diz que tudo que habita no campo do pensamento ao se organizarem em formas de ideias e serem transferidas para um suporte físico a exemplo da escrita, é um ato tradutório e recriador. Em outras palavras, quando elucubramos qualquer assunto e chegamos a uma conclusão, ainda que momentânea, desde que envolva um raciocínio lógico é um ato tradutor e recriador, embasado em nossas vivências e as relações com os textos culturais que temos acessos ao longo de nossas trajetórias. Ao traduzir códigos e signos, das mais diversas fontes, que envolvem nosso conhecimento de mundo, recriando para quaisquer tipos de linguagens, estamos transcribando.

Compreendemos um processo criativo como uma ação tradutória e recriadora, ou seja, uma transcrição, teorizada por Haroldo de Campos como mencionado acima. Sendo assim, entre a idealização, o planejamento e a execução de um processo de

criação passamos por momentos de tradução e recriação. Corroborando com nosso pensamento temos Salles (2007) ao dizer que “ao acompanhar diferentes processos, observa-se, na intimidade da criação, um contínuo movimento tradutório (tradução intersemiótica), ou seja, passagem e uma linguagem para a outra. (SALLES, 2008, p. 44).

Nosso processo de criação esta intrínseco a nossa forma de fazer observações acerca da vida, que definimos como um processo constante de sondagem do mundo. Buscamos por vários registros que traduzissem as necessidades do humano observando o mundo como uma maneira de coleta de dados informacionais, que “ganham novas formas de organização. A percepção é, portanto, uma possibilidade de aquisição de informação e, conseqüentemente, de obtenção de conhecimento”. (SALLES, 2007, 122).

Sendo assim, fizemos um ensaio fotográfico que objetivava ir ao encontro da fome, de forma que pudéssemos identificar as várias formas que ela se apresentava no tempo atual. Tal ação culminou com vinte imagens, distintas entre si, das quais elencamos seis para a exposição. Desde o momento da visita técnica ao NAC verificamos a possibilidade de fazermos uma instalação, que constava numa mesa posta em seis lugares e os pratos seriam o suporte para as fotografias. A seguir temos duas das fotografias que compuseram nosso ensaio apresentado em forma de instalação como veremos mais à frente.



Figura 1: Fotos *Algoritmos* e *Toda cidade é faminta*. Fonte: arquivos de Hélder P.C. Nóbrega.

A foto intitulada *Algoritmos* tenta despertar para a falta de comunicação sinestésica entre as pessoas, o toque no outro, o olhar nos olhos. Enquanto que a foto nomeada de *toda cidade é faminta* objetiva em sua composição circular centralizar o assunto tendo em vista os suportes escolhidos como veremos a seguir.

“Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos com sensações. Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos sensações”. (DELEUZE; GUATARI, 2013, p.196). Desta forma, a fim de provocar sensações no espectador que inclinasse seu olhar para as fotografias, compomos toda a mesa e seus objetos primando pela cor branca, obedecendo o padrão do cubo branco expositor.



Figura 2: Pratos de porcelana como suporte. Fonte: arquivos de Hélder Paulo Cordeiro da Nóbrega.

Para os talheres na cor prata, foram utilizados descartáveis que muito se assemelham com as pratarias, além de propiciar segurança principalmente para crianças devido ao caráter interativo que a instalação possui, na qual as pessoas podem sentar-se à mesa e manusear os pratos para melhor apreciarem as fotografias neles expostas.

De tal maneira que essas composições de imagem lhe proporcionassem sensações diversas. Em acordo com Nascimento (2011) “as imagens constituem uma maneira própria de pensar, ver, agir e dizer” (NASCIMENTO, 2011, p.241). Compondo a instalação ainda haviam outros objetos como copos e taças descartáveis transparentes e um vaso com flores brancas, centralizada à mesa.



Figura 3: Instalação da série fotográfica Fome, de Hélder Nóbrega. Fonte: arquivos de Hélder Paulo Cordeiro da Nóbrega.

Aumont (1993) diz que “a imagem se define como um objeto produzido pela mão do homem, em um determinado dispositivo, e sempre para transmitir a seu espectador, sob forma simbolizada, um discurso sobre o mundo real” (AUMONT,1993, p.260). Desta forma, as imagens fotográficas foram impressas no tamanho 20x30 cm. No centro do prato utilizamos os recortes da foto no formato circular privilegiando o assunto principal. Utilizando para esse procedimento de corte um estilete.

O restante das fotografias, as “sobras poéticas” foram usadas como jogos americanos sob os pratos de louça de cor branca. Sendo assim foi feita uma composição mais harmoniosa levando em consideração o formato retangular das fotografias impressas no tamanho supracitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos mostrar nossos trabalhos individuais que são resultado de um trabalho coletivo do curso de Fotografia Artística do IFPB. Essas produções são desdobramentos do conhecimento adquirido no curso que têm influenciado no fazer artístico profissional.

Ao longo dos nossos processos criativos passamos por dificuldades e erros que foram de extrema importância para alcançarmos o resultado dos ensaios. Às vezes foi necessário fazer uma pausa no processo de produção para analisar o que foi produzido e renovar as ideias para que os projetos tenham continuidade. Essas etapas são

importantes porque o erro e a avaliação da produção nos permitem expandir a pesquisa e a criatividade do trabalho e do fazer artístico.

Acreditamos que a relação fotografia e artes visuais é fundamental para a expansão do processo criativo e para obter um resultado de excelência ampliando a produção fotográfica no campo da fotografia contemporânea e tornando a fotografia mais presente e atuante no Estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo?** In: O que é o Contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas-SP: Papyrus, 1993.

CAMPOS, Haroldo. **Da transcrição** – poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte: Viva Voz, 2011.

CÓRDULA, Raul. **A experiência renovadora do NAC no campo da extensão universitária**. In: GOMES, Dyógenes Chaves (Org.) Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba – NAC. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

DELEUZE e GUATTARI. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2013.

GOMES, Dyógenes Chaves. **Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba – NAC**. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. **Singularidades da educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações**. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.p. 209-226.

PONTUAL, Roberto. **O Núcleo cresce e amadurece**. In: GOMES, Dyógenes Chaves (Org.) Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba – NAC. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 2007.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética**: Fundamento dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. São Paulo: Educ, Editora da PUC de São Paulo, 2008.



II Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande, PB
30 de Outubro a 1º de Novembro de 2019



SILVA, Wagner Souza e. **Foto 0 | Foto 1**. São Paulo: Fapesp, Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas: Autores Associados, 2006.